

NEM TUDO PASSA

(Especial para o "Correio do Povo")

Gustavo Corção

De todas as extravagâncias que a humanidade vem praticando, desde o pecado original, ora pela ação individual de algum de seus membros, ora pela atividade conjunta de uma nação, nenhuma me parece mais incrível e mais cômica do que a dos enciclopedistas. Não me refiro, evidentemente, aos honrados produtores dessa espécie de livro que é sempre útil e que hoje vem merecendo maiores favores do público graças a excelente apresentação que lhe têm dado os editores. Falo da filosofia e não do trabalho editorial e gráfico. Os enciclopedistas também ela boraram uma enciclopedia; mas o principal de sua obra não estava nos vinte e tantos volumes preparados, anos a fio, por Diderot e d'Alambert. O principal era a alma da enciclopedia, era o sentido profético da mensagem, era o anúncio de um novo século que viria substituir os remanescentes de uma civilização cristã. A enciclopédia vinha como o João Batista da fervorosa religião dos ateus do século dezanove: preparava as veredas do hegelianismo, do positivismo e do marxismo.

O século dezoito, se não fossem os músicos, e entre eles o pequeno Príncipe de Salzburgo, seria para a humanidade o mais encabulante dos dez ou vinte últimos da história. Antes de produzir a revolução, que viria derrubar o trono de França, que era o centro de gravidade de um regime, trazia o cientificismo e o racionalismo, os ingredientes que durante séculos e séculos não de alimentar a burrice pedante e não de dar a muitos felizes a ilusão de inteligência. A enciclopedia se apresentava como Suma de uma nova civilização, mas é fácil, para os estudiosos de assuntos filosóficos, verificar que é um dos frutos mais característicos do Nominalismo que está na medula da civilização ocidental moderna. Gloriavam-se seus autores precisamente da pobreza de unidade, da ausência de síntese de que haviam zombado os escolásticos quando diziam que esses homens queriam conhecer uma por uma as pedras de um rio, ou mais precisamente dos homens que pretendiam substituir a filosofia pela soma de informações. A inevitável universalidade das questões abstratas, como por exemplo dos verbetes científicos preparados por d'Alambert, não bastava para dar ponto, digamos assim, ao esfarelado conjunto; nem havia da parte dos autores zelo especial em busca de tal unidade. Na verdade, a enciclopédia, em seu invólucro ideológico, vinha completar a destruição da unidade cultural iniciada no expansionismo renascentista. Mas o que me parece particularmente digno de nota no enciclopedismo filosófico do século XVIII é o entusiasmo de seus adeptos. Bem sei que o homem é o estranho ser capaz de se entusiasmar seja lá por que for; mas apesar de prevenido, não diminui minha admiração por aquela espécie de entusiasmo. Tenho diante dos olhos uma pintura da época representando uma leitura da enciclopedia chez Madame Geoffrin. Num amplo e luxuoso salão, muito "dix-huitième", em semicírculo, umas cinquenta e tantas cabeças empoadas (qual delas estará colada ao tronco poucos anos depois?) voltam-se atentas para o personagem central, que na pintura de Lemonnier mais parece um clavicordista do que um leitor. Quem seria hoje capaz de promover uma reunião da fina flor de inteligência e da elegância para a leitura fervorosa das páginas da Enciclopédia Britânica ou do Larousse? Ou quem teria a idéia de fundar um clube, como o dos simpáticos "mardistas", que num de seus cartões anunciasse para a próxima terça-feira a leitura de FAB até FAZ? O fato é que durante mais de vinte anos, na segunda metade do século XVIII, a enciclopédia foi assunto permanente de conversas nos meios mais requintados. Esperança de um novo e mais amplo regime para os modernistas, escândalo e temor para os defensores da tradição, a Enciclopédia, por incrível que isto hoje nos pareça, foi um divisor de águas, uma pedra de toque de mentalidades. E ainda é mais curioso

notar o estilo de que reveste o racionalismo cientificista que Diderot tão bem incarna. Ele defendia apaixonadamente, e seria capaz de verter lágrimas já românticas, a filosofia mais seca e mais desesperada que o mundo conseguiu até hoje produzir.

Convém lembrar que o primeiro trabalho desse gênero que irá empolgar a nata da sociedade parisiense foi realizada na Inglaterra. O Dicionário Universal de Artes e Ciências foi publicado em Londres por Ephraim Chambers, em 1728 e encontrou enorme receptividade por seu valor prático, sem que os ingleses tirassem desse fato alguma explícita filosofia. Mais empíricos e instintivos que os franceses os editores britânicos sentiram a obra que o mundo moderno estava a pedir, mas não a sobrecarregaram de um inútil ônus anti-dogmático ou anti-cristão. A primeira idéia dos franceses, quando o sarampo filosófico chegou ao auge, foi a de traduzir o livro inglês, mas logo a seguir o entusiasmo ditou um objetivo mais amplo e mais ousado. E' estranho também, ao menos para mim, o fato de terem encontrado subscritores com relativa facilidade para o plano financeiro que lançaram. Cada um entrava com uma soma que equivaleria a vinte ou trinta contos do dia de hoje (24 de dezembro de 1958). Francamente, leitor, você seria capaz de dar essa soma por um livro que vai ser feito num prazo provável de dez anos? Quando estava começada a obra, Diderot foi preso por causa das audácias publicadas num artigo intitulado "Lettre sur es aveuges à l'usage de ceux qui voient". Anos depois, libertado o principal autor e continuada a obra, a Enciclopedia parou no G por falta de dinheiro e foi preciso fazer novo apelo aos acionistas do empreendimento. O trabalho ficou pronto em 1772, em plena efervescência política.

Agora pondere o leitor o que vale hoje aquela obra tão arduamente elaborada. Como curiosidade bibliográfica valerá muito, mas como dicionário, como instrumento de informação, tornou-se inteiramente obsoleto. E' sempre assim. São geramente essas coisas que chegam com altos títulos de novidade, com fortes tensões de modernismo, que mais depressa envelhecem. Os modernistas do salão de Madame Geoffrin riem-se dos antigos, zombavam dos dogmáticos, e construíram com grande fervor e entusiasmo a mais efêmera das obras humanas, ou pelo menos das obras que aspiram a alguma duração. A Enciclopédia pensosamente escrita pelo devotadíssimo Chevalier de Jaucourt, auxiliar de Diderot que fez questão de ficar na sombra para que a obra brilhasse com o esplendor de sua própria objetividade, em menos de vinte anos era um catálogo obsoleto, e só tinha o valor que têm as músicas.

Não se diga, porém, que aquela obra teve o destino comum de todas as obras humanas. Há uma filosofia que afirma a precariedade de todos os feitos e a perpétua transmutação de tudo; mas há outra filosofia mais sensata que afirma a passagem de umas tantas coisas e a permanência de outras. Nem tudo passa. A Enciclopedia prefaciada pelo matemático d'Alambert, passou com entêro de primeira classe; mas os "chiffons de papier" escritos por um outro matemático chamado "Blaise Pascal" têm hoje o mesmo perene valor que tinham trezentos anos atrás. Tenho diante de mim o volume da nova edição e do novo texto arrumado e estabelecido por Henri Massis numa esplendida apresentação. E não é o valor bibliográfico, nem é a curiosidade de saber como é, que se pensava nos meados do século dezanove que me levará à leitura de Pascal. E' ao contrário, a curiosidade mais penetrante de ver as coisas imutáveis que o gênio deixou ao nosso alcance com um perene frescor.

Mas não é preciso recuar um século para achar o desses reflexos da imutabilidade divina inscrita em obra humana. No mesmo século dezoito, enquanto a filosofia declinava a música subia, e enquanto nos salões de Madame Geoffrin se liam as curiosidades do F ou do H, em outros salões outras cabeleiras empoadas faziam círculos em torno de Mozart. Também não passará a beleza desta música que será a mesma até o fim do mundo.